

EPIDEMIOLOGIA DA LEPTOSPIROSE NA REGIÃO SUL DO BRASIL ENTRE OS ANOS 2017 A 2019

Congresso Iberoamericano de Saúde Pública Veterinária, 2ª edição, de 10/08/2020 a 15/08/2020
ISBN dos Anais: 978-65-86861-21-1

GONÇALVES; Bruna Vaz da Silva ¹, **BARBERINI; Isis Regina** ², **BELNIAK; Vanessa** ³,
FURTADO; Silvana Krychak ⁴

RESUMO

Introdução: A leptospirose é uma doença infecciosa causada por bactérias do gênero *Leptospira* e sua transmissão está associada ao contato de humanos com a urina excretada por roedores infectados. A sintomatologia caracteriza-se pela instalação abrupta de febre, comumente acompanhada de cefaleia, mialgia, anorexia, náuseas e vômitos, e pode não ser diferenciada de outras doenças febris agudas ocasionando subnotificações. Sua notificação é compulsória no Brasil desde 1993, tanto para o registro de casos suspeitos isolados, como para ocorrência de surtos, conforme o Anexo 1 do Anexo V da Portaria de Consolidação nº 4 de 28 de setembro de 2017. **Objetivos:** O presente estudo traça um perfil epidemiológico da leptospirose em humanos na região Sul do Brasil, no período de 2017 a 2019. **Métodos:** Realizou-se um estudo com abordagem quantitativa, derivada de dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) no período de 2017 a 2019. As variáveis analisadas foram notificações por estado, faixa etária, quantitativo por gênero e zona de residência, sendo estas, analisadas através de cálculos realizados no programa Tabwin por meio da fórmula: número de casos notificados/população da variável x 100.000 (a população estimada de cada variável dos anos 2017 a 2019 foi retirada do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE). Já as variáveis como local de contaminação e evolução dos casos foi analisada de acordo com o número de casos da variável comparando com o total de casos notificados na região e período citados. **Resultados e discussões:** No período estudado, o Brasil registrou 9.537 casos de leptospirose, em que 35,9% (3.429/9.537) destes corresponderam aos estados da região Sul do Brasil. Com uma taxa de 3,8 infectados a cada 100.000 habitantes a região Sul se caracteriza como a mais prevalente do Brasil. As notificações em ordem decrescente dos estados da região Sul se configuram pelo Rio Grande do Sul com índice de 4,7 infectados por 100.000 habitantes, seguido por Santa Catarina com 3,8 infectados por 100.000 habitantes e o Paraná com 2,8 infectados por 100.000 habitantes. A faixa etária mais acometida na região Sul é dos 40 a 59 anos com taxa de 6,1 infectados a cada 100.000 habitantes com idade entre 40 a 59 anos. Quanto ao gênero, a população mais acometida na região são os homens com uma taxa de 7,3 infectados a cada 100.000 habitantes da população masculina

¹ Discente na Universidade Tuiuti do Paraná, bruvazlain@gmail.com

² Discente na Universidade Tuiuti do Paraná, isisreginab18@gmail.com

³ Discente na Universidade Tuiuti do Paraná, vane.bnk@gmail.com

⁴ Docente na Universidade Tuiuti do Paraná, silvana.krycha@utp.br

e em contrapartida com uma menor taxa as mulheres totalizando 1,1 infectadas a cada 100.000 habitantes da população feminina. O Sul do Brasil é marcado por uma taxa maior de infectados da população residente em zona rural atingindo 7,6 infectados a cada 100.000 habitantes de zona rural em detrimento da zona urbana com 2,9 infectados a cada 100.000 habitantes de zona urbana. É importante salientar, para que não haja equívocos quanto aos dados fornecidos pelo SINAN, o número de casos notificados foi maior na zona urbana em 66,9% (2.297/3.429), mas quando se distribui os casos pela população a prevalência é maior em zona rural, mesmo ela atingindo apenas 29% (996/3.429) dos casos notificados. A explicação para isso se deve ao fato da população da zona rural (que corresponde à apenas 14,47% da população residente no Sul do país) ser muito menor que a população da zona urbana (correspondente a 85,53% da população da região Sul). Na zona urbana, principalmente em grandes cidades, durante a época das chuvas, as inundações constituem-se no principal fator de risco para a ocorrência de surtos epidêmicos de leptospirose humana. Na zona rural, as características da ambiência e a presença de animais silvestres assumem grande importância na transmissão da leptospirose, indicando que a exposição ocupacional de agricultores é um fator de risco bem descrito. Localidades com más condições de saneamento básico são principalmente acometidas de surtos devido à presença de esgoto a céu aberto e lixões, proximidade com córregos, os quais propiciam o contato direto com as águas contaminadas com urina de roedores sinantrópicos (ratos e camundongos) e cães errantes. Avaliando o local de contaminação, o domiciliar contém o maior número de notificações com 38,2% (1.311/3.429) dos casos acometidos no Sul, já o local de trabalho perfaz 24,4% (840/3.429), sendo que, 21,6% (743/3.429) das notificações não consta o local de contaminação (Ign/Branco). O que dificulta um estudo epidemiológico aprofundado para a interrupção da transmissão. Quanto a evolução da doença, os casos de cura se fez em 89,9% (3.085/3.429) e óbito por agravo notificado ficando em 4,1% (144/3.429) dos casos. As notificações quanto a evolução dos casos demonstrou um bom manejo da doença, apesar de ainda estar aquém do ideal. Estudos encontrados pela literatura afirmam que o risco de transmissão das leptospirosas patogênicas, ainda não pode ser mensurado de forma precisa, devido à complexidade que se observa para o diagnóstico laboratorial específico nas várias regiões brasileiras. Fatores como a falta de investimentos em saúde, em infraestrutura de saneamento e em tecnologia para diagnósticos sempre está à margem das reais necessidades de acesso à população o que dificulta o controle e a prevenção da leptospirose no Brasil. **Conclusões:** Através do presente estudo nos atentamos que a interrupção da transmissão não é tarefa simples, pois seu ciclo é complexo, com forte influência das condições ambientais que favorecem o crescimento bacteriano e sua propagação. O reconhecimento eficaz, tratamento e controle da doença tornam necessário o amplo domínio da epidemiologia e dos fatores de risco sociais e ambientais. São necessárias, portanto, abrangentes e eficientes obras de saneamento básico, educação em saúde, fiscalização sanitária e controle de pestes.

PALAVRAS-CHAVE: Leptospira spp, Riscos ambientais, Zoonoses